

Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte

Wagner Xavier de Camargo

Pós-doutorando em Antropologia Social

Fapesp/Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Resumo

As políticas identitárias e as reivindicações por direitos e visibilidade feitas por grupos sociais minoritários em meados dos anos 1980 também atingiram o mundo esportivo. Surgem, então, expressões no esporte que vêm ao encontro de tais demandas, e, em 1982, os Gay (Olympic) Games são criados. De uma pauta centrada na participação inclusiva no esporte e numa descentralização da heterossexualidade como norma, os chamados “Jogos Gays” cresceram, se diversificaram e, amparados numa difusa pauta que varia entre participação, socialização, competição e “melhor de si”, eles têm atraído a participação em eventos internacionais de sujeitos outros, como lésbicas, bissexuais e pessoas trans. Dessa forma, tendo como referência as masculinidades esportivas protagonizadas pelos atletas homossexuais masculinos nesses eventos, este artigo pretende pô-las em perspectiva para entendê-las criticamente. Portanto, resgatando minhas experiências etnográficas nessas competições, proponho um duplo intento: a) explorar corporalidades e sexualidades não heteronormativas presentes nos jogos e b) destacar as masculinidades *performatizadas* nesses eventos, além de problematizar o binarismo de gênero reinante no sistema esportivo global.

Palavras-chave: Masculinidades Esportivas; Corporalidades/Sexualidades; Jogos Gays; Antropologia

Abstract

The politics of identity and its demands for rights and visibility made by social minorities in the mid-1980s also affected the sports world. Facing the demands by some of these groups, in 1982 the Gay (Olympic) Games were created. An agenda focused on inclusive participation in sport and a decentralization of heterosexuality as the norm, the so-called “Gay Games” has grown, diversified, and sustained in the last years. As international events, these games are based on participation, socialization, competition, and ‘personal

best'; besides they have attracted other subjects, such as lesbian, bisexual and transgender people. Thus, having as a reference the hegemonic masculinity in sports enthralled by the wide majority of gay men athletes in these events, this paper aims to put such masculinity under perspective to understand it more appropriately. Therefore, rescuing my ethnographic experiences at those games, I propose a dual purpose: a) to explore corporeality and non-heteronormative sexualities presented in the games, and b) highlight the masculinities performed at these events with the purpose of discussing the gender binary reigning in the global sports system.

Keywords: Sporting Masculinities; Corporalities/Sexualities; Gay Sports; Anthropology

1. Introdução

Quando me descobri “gente” – e, na ocasião, também “homem” –, lembro-me de estar em pé à beira da privada do banheiro de casa, junto a meu pai. Eu o olhava urinar. Logo que finalizou tal ato fisiológico, balançou seu pênis várias vezes e o guardou na cueca. Então, entendi que deveria fazer o mesmo. Do alto de meus um metro e algo, fiz o mesmo gesto, do início ao fim, numa espécie de ritual de “como aprender a urinar como macho”. Bruscaamente quebrando o silêncio de meus pensamentos, meu pai se expressa efusivamente: “muito bem, é assim que se faz, meu rapaz!”.

Durante muitos momentos depois em minha (nossa) vida(s), ele me mostrou (tentando me ensinar) o que era masculinidade – pelo menos, a que ele conhecia, seja através dos cavalos que domava, das piadas sexistas que contava ou das ações machistas que encenava. De minha parte, por meio de esforços sobre-humanos, eu nunca conseguia êxito nas tarefas propostas e, de modo confuso e insistente, perguntava-me o que tinha a ver “ser homem” com colocar o pênis para fora da cueca, urinar, guardá-lo de volta – uma imagem que perturbava.

Este texto não se relaciona com o processo de descoberta de meu “eu masculino” ou algo que o valha. Contudo, gostaria de problematizar noções como a de “ser homem” ou a de deter “masculinidade” em ambientes como o esporte, que caracterizaram partes de minha vida. Em que pese sempre alocarmos o esporte no momento de não trabalho e, portanto, atrelar a ele um aspecto de menor importância na vida social, é partindo do mundo esportivo que podemos entender outras relações, que hora alguma imaginamos serem afins àquele meio.

O propósito deste artigo é considerar as performances de atletas homossexuais masculinos em competições esportivas específicas, do ponto de vista da aderência ou não aos padrões de masculinidade vigentes na sociedade ocidental contemporânea. Ou, dito de forma mais pontual, o objetivo central é o de refletir sobre a materialização dos corpos e a produção de subjetividades desses sujeitos por meio de um esporte identitário, articuladas com distintas construções de masculinidade, procurando entender a produção simbólica desta nos discursos e atos desses atletas.

Antes de continuar, duas ressalvas importantes: 1) o trabalho não tem o propósito de classificar ou hierarquizar as formas reais e imaginárias de “masculinidades” no universo do esporte praticado por sujeitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis,

transexuais), e 2) as “masculinidades” e os corpos “em ação” abriram perspectivas para um amplo leque de problematizações. Portanto, partindo de uma premissa básica observada em campo, as “masculinidades” estão em constante circulação nos esquemas simbólicos de apreensão do mundo das práticas esportivas LGBT, independentemente do que quer que se entenda por elas. Em geral nos discursos, a referência de senso comum mais disseminada é a da masculinidade hegemônica ou dominante, que faz do “homem tradicional” seu pilar de sustentação, colocando-o numa posição hierárquica em relação a outros sujeitos.

2. Apresentando um contexto esportivo específico

As popularmente conhecidas “competições gays” constituem-se, em realidade, num circuito de eventos esportivos, culturais e festivos, nos quais o esporte é o carro-chefe da participação de milhares de indivíduos LGBT (Symons 2010). Apesar de participarem do sistema esportivo global (Rial 2008), tais competições são invisíveis do ponto de vista dos apelos midiáticos ou das prerrogativas dos megaeventos esportivos, como os campeonatos de futebol masculino da FIFA, as corridas de Fórmula 1 ou ainda os Jogos Olímpicos.

Os eventos se dividem, em geral, num circuito bianual e quadrienal, dependendo da natureza da competição (se internacional ou continental). A maior parte dos países participantes é oriunda da América do Norte, da Europa Ocidental e da Oceania (Austrália, principalmente) e, não raro, realizam anualmente seus torneios “comunitários” direcionados ao público LGBT.

Resgato aqui, portanto, algumas *memórias etnográficas* (Toledo 2015) e partes de meus diários de campo para tanto explorar corporalidades e sexualidades não heteronormativas presentes em tais competições como salientar as masculinidades *performatizadas* nesses espaços, a fim de, assim, problematizá-las e, ao mesmo tempo, problematizar o binarismo de gênero reinante no próprio sistema esportivo global.¹

Começo com o depoimento de um corredor alemão de 48 anos à época, que me contou de suas primeiras investidas num treinamento de provas longas (como a maratona, 42 km) e sobre o modo como se colocou frente ao desafio de terminar a prova:

A primeira vez que corri uma maratona foi difícil! Eu queria parar, mas queria também continuar. Estava sozinho, e você deve bem saber que correr sozinho dá uma angústia. Daí que passados os 21 km, lá pelos 24 ou 25 km, eu pensei, vou continuar, tenho que continuar, senão vou ser uma “mulherzinha” [*eine Mädchen*]? Daí fui até o fim [...]. (Entrevista com corredor alemão, 14 set. 2010).²

1 A etnografia se desenvolveu em várias competições internacionais, ao longo de cinco anos: VII Gay Games-2006, em Chicago (EUA), II World OutGames-2009, em Copenhagen (Dinamarca), VIII Gay Games-2010, em Colônia (Alemanha) e nos II North American OutGames-2011, em Vancouver (Canadá).

2 Importante salientar que *Mädchen*, em alemão, significa garota, menina, e traz uma conotação depreciativa quando empregada em contextos masculinizados, inclusive da língua alemã (Pusch 1984). Eivado

“Branco, gay e assalariado”,³ conforme me disse, expressou que, entre terminar caminhando e finalizá-la como “mulher”, preferiu continuar correndo e triunfar como “homem”. Apesar de câibras, dores no joelho e uma pequena distensão no quadríceps (músculo da coxa), conforme me contou entre risos, executou o que tinha se proposto, e a medalha – de participação, não de premiação – era a prova que fez questão de me mostrar num dos dias de nossa conversa. Mesmo entre atletas homossexuais, a evocada “masculinidade esportiva”, em meus termos, baseia-se nos rituais de dominação de gênero, algo já bastante conhecido e proposto pelo sistema patriarcal e reproduzido, em geral, à exaustão pelos sujeitos presentes no mundo dos esportes.

Esse atleta teve seu *coming out* tardio, como a maioria dos atletas – algo padrão em termos de sexualidade no universo esportivo. Em realidade, destaca que o grande momento de “liberdade sexual” que teve foi durante os III Gay Games-1990, em Vancouver, Canadá. Fiel aos pressupostos masculinos mais ortodoxos, ele não tem amigas mulheres ou mesmo lésbicas, vive cercado de amigos homossexuais e ainda busca “um amor que o complete”. Por isso também participa das competições, pois “não há nada mais chato do que correr sozinho”, como expressa. Os eventos esportivos, para ele, são formas de conhecer outros “iguais” e com “mesmos interesses”.

Que as mulheres são consideradas de modo diferenciado e “inferiorizadas” no campo esportivo, tanto em modalidades individuais quanto coletivas, não é novidade.⁴ Inclusive tais

de sexismo, preconceito e misoginia, tal vocábulo se torna um xingamento quando deprecia corpos masculinos que não alcançam a performance esperada, colocando-os numa condição inferior (a da mulher), menor perante o interlocutor que dispara o xingamento. Pat Griffin (1998) denuncia o sexismo no esporte e destaca que mulheres são, na maioria das vezes, consideradas “invasoras” nos espaços esportivos masculinos.

- 3 A grande maioria dos participantes desses jogos se autodesigna caucasianos ou de “cor branca”, e tais autotagificações respondem a certa “racialização” da subjetividade. Com isso é importante pensar em desnaturalizar a própria categoria descritiva e identificatória para uma dimensão em que é percebida como orientadora e formadora de hierarquias/posições políticas entre sujeitos. Como postulou Judith Butler (1998), a materialização de tais categorias é política e deveria estar sob crítica, indagando suas disposições tradicionais e reivindicando um debate político.
- 4 Num rápido olhar pelas referências bibliográficas há, no plano nacional, Fabiano Divide (2005), que mostra historicamente a desigualdade do gênero feminino nos esportes perante os homens; Silvana Goellner (2003), que salienta as representações históricas do corpo feminino em revista de Educação Física e Esporte, trazendo-as sob eixos orientadores na feitura desse corpo (a beleza, a maternidade e a feminilidade); Miriam Adelman (2003, 2006, 2011), que escreve sobre a condição feminina nos esportes, enfocando distintas corporalidades/subjetividades e dando ênfase para os esportes equestres; Ludmila Mourão & Euza Gomes (2010), que evocam a história de luta e resistência da pioneira boxista Maria Aparecida de Oliveira. No plano internacional, por sua vez, alguns dos trabalhos de destaque são o de Eric Dunning & Joseph Maguire (1997), texto clássico que enfoca as relações entre “sexos” no esporte e, inclusive, testa as possibilidades de aplicação da teoria do processo civilizador de Norbert Elias (1994) na inter-relação entre esporte e feminilidade; Griffin (1998), já citado, que mostra igualmente a opressão de gênero no caso das lésbicas atletas e técnicas, tanto no esporte universitário como amador; Helen Lenskyj (2003), que identifica preconceitos de gênero e homofobia quanto à figura feminina no esporte e endereça respostas feministas radicais para propor alternativas; Jennifer Hargreaves (2000), que chama de “heroínas do esporte” as mulheres muçulmanas, aborígenes, negras e deficientes, que habitariam o universo esportivo masculinista e preconceituoso; Jayne Caudwell (2006), que propõe repensar a rearticulação da “feminilidade” nos espaços futebolísticos (como vestiários, campo de jogo, práticas de alongamento e treinamentos); Cláudio Tamburrini & Torbjörn Tännsjö (2005), que consideram a criação de “bioamazonas” do futebol, ou seja, atletas superdotadas geneticamente, a fim de minimizar as distân-

mulheres são, em parte, protagonistas pela atual crise que vive a masculinidade na sociedade contemporânea, tão denunciada e comentada em fóruns de debate, nas Ciências Sociais.⁵

A chamada “crise da identidade masculina” gera um tensionamento sobre velhas formas do “ser homem/ser mulher” e deixa patente, mais do que outrora, que os homens não são os únicos produtores e/ou consumidores da “masculinidade” no meio social.⁶ A ocupação feminina de áreas “tradicionalmente” masculinas da sociedade (e o esporte é uma delas), as novas posições das mulheres no mercado de trabalho – impensáveis há cerca de meio século –, a própria reorganização dos gêneros dentro da atual “família”, o aparecimento de novos atores (como gays, lésbicas, transexuais, travestis, pessoas trans) e a emergência de anúncios públicos de *coming out* (saída do armário da sexualidade) constituíram-se em elementos decisivos, que impuseram um xeque-mate à chamada “masculinidade hegemônica”.⁷ Assim, frente a tais outros agentes sociais que produzem, consomem e performatizam a “masculinidade”, falar em masculinidades no plural torna-se inevitável e necessário.

O profundo processo de transformações advindas da modernidade redimensiona modelos e paradigmas, além de redefinir identidades e discursos, histórica e socialmente construídos. O que se entendia por fixo, hoje é mutável. E mesmo as identidades passariam, necessariamente, pelo descentramento e pelo pluralismo. Segundo Avtar Brah (2006: 371), “as identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa, nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança”. No caso das “identidades de gênero” não é exceção, e os Estudos de Gênero contribuem para problematizar tais essencializações de modelos fixos, como os de masculinidade e feminilidade.

Os atuais estudos que pretendem identificar e analisar mudanças e transformações inerentes à velha e rígida “identidade masculina” no imaginário coletivo já apontaram o estatuto reinante das “identidades fragmentadas” as quais, de acordo com teóricas/os pós-estruturalistas, devem ser entendidas como construções imaginárias, em permanente processo de significação e ressignificação, e na edificação de novas identificações em curso. Glória Anzáldua (1987) sublinha que muitos desses sujeitos se encontram exatamente na “fronteira”, num espaço liminar; Guacira Louro (2001) vai designar aquelas construções imaginárias como “pós-identidades”.

O desafio reflexivo aqui talvez seja considerar discursos identitários monolíticos dos atletas participantes nesses eventos esportivos e tentar problematizá-los mediante as construções imaginárias de masculinidade.

cias colocadas entre corpos masculinos e femininos no *métier* esportivo.

5 Dentre os vários trabalhos, pode-se enfatizar o de Caldas (1997); Goldenberg (2000); Heilborn (2004); Simões (2005).

6 Essa problematização pertence a Eve Kosofsky Sedgwick (1995: 12), que destaca: “[...] an injury begins with the presupposition that everything pertaining to men can be classified as masculinity, and everything that can be said about masculinity pertains in the first place to men”.

7 Robert Connell (hoje Raewyn Connell) é uma das teóricas mais citadas no estudo da “masculinidade hegemônica”. Ela usa o conceito de hegemonia de Gramsci quando se refere a uma dinâmica cultural através da qual um grupo postula e mantém uma posição de dominância na vida social em relação a outros. Farei considerações mais pronunciadas a seguir.

3. Situando o debate sobre masculinidade(s)

Jogador de Hóquei: Estou aqui pra ganhar! Não me importa se são homens ou são gays. Vou jogar contra eles, vou quebrá-los (*I'll beat them!*) e não me importo. Você já viu “bichisse” (*queerness*) no hóquei no gelo?

Eu: Não sei dizer; só vi hóquei uma vez na vida e não era um jogo gay!

JH: *Riu* [...] Bem, você não vale! É sul-americano, nem sabe o que é frio!

Eu: Sei sim! Sei até que hóquei se joga em quadras fechadas, em complexos subterrâneos, principalmente no Canadá – *exclamei indignado*.

JH: Bem, não sei no Canadá, mas sim, sim. Você tem razão! Mas o que quero dizer é que no hóquei não há espaço pra bichisse, entendeu? (*got it*). (Conversa com BS, 04 ago. 2010).⁸

Australiano, “branco”, 24 anos, esse atleta é praticante de *snowboard*, jogador de hóquei no gelo, skatista e mesa-tenista nas horas de folga. No trecho anterior, destacado de nossa conversa, explicava-me como o *hockey on ice* é uma modalidade masculina, de “machos”, e como a “bichisse” (*queerness* ou *gayness*, segundo seus termos) não tem espaço. No desenrolar do diálogo, narrou a mim inúmeras brigas em que se envolveu com colegas e adversários no esporte e como se desvencilhou delas, inclusive várias vezes sendo expulso do jogo, o que para ele era ostentado como um troféu, ou o reconhecimento de seu “capital masculino”.⁹ A correlação entre “esporte-coragem-violência-macheza” ficou perceptível em suas associações, e, em que pese estar competindo num torneio “gay”, ele mantinha toda uma falácia discursiva que escondia sua orientação sexual em prol de uma “fachada” que protegia sua masculinidade, supostamente heterocentrada.

Um aspecto curioso de sua explicação fez-me imaginar toda uma hierarquia de esportes, “mais masculinos” e “menos masculinos” (ou “mais femininos”), como se a atribuição desses *status* fosse facilmente aplicável. Ele se refere a uma noção, presente no senso comum, de que há esportes mais “direcionados” para homens (portanto, mais masculinos) e modalidades mais “voltadas” para mulheres (e, dessa forma, mais femininas). Tal argumento é embasado pelo pouco conhecimento que há acerca da área esportiva, bastante reforçador de ideias infundadas, por exemplo, e disseminadas pela televisão.¹⁰ Anderson (2005), por exemplo, esboça uma tentativa de “classificar” os esportes em mais ou menos masculinos a partir do torneamento muscular. Ou seja, esportes que fazem o corpo ficar torneado (como o rúgbi, o futebol, o judô, dentre outros) seriam “mais mascu-

8 O fragmento foi traduzido, mas alguns termos e/ou algumas gírias em inglês foram mantidos para demarcar os estereótipos presentes na fala do interlocutor, a partir da língua nativa.

9 “Capital masculino”, segundo Brian Pronger (1990), Henning Bech (1997), Eric Anderson (2005), é a quantidade de características masculinas apropriadas pelos sujeitos na “condição de homem”, como ser “macho”, corajoso, destemido, varão, viril, e manter-se numa posição hierárquica sempre superior aos “oponentes” (entenda-se, aqui, também a feminilidade como uma ameaça premente). É um elemento básico da masculinidade hegemônica.

10 Lawrence Wenner & Steven Jackson (2009), por exemplo, destacam que a televisão é a responsável pela veiculação de imagens de homens assistindo/jogando futebol, principalmente em propagandas de cerveja, e a construção de um “mundo masculino”. Outros comerciais enfatizam a maquiagem e adereços de atletas de ginástica, por exemplo, como próprios de um mundo de “mulheres”.

linos”; os que não esculpem o corpo de modo mais enfático (como tênis, golf, dança, etc.) seriam menos “masculinos” – portanto, “mais femininos”. O autor não segue adiante na taxonomia, porque nem ele parece acreditar muito em tal critério.

Essa situação trazida serve para introduzir o debate mais teórico acerca das masculinidades. Um dos primeiros teóricos que encampou a discussão sobre a masculinidade como forma de dominação foi Pierre Bourdieu (2007). Falando mais de “sexo” do que de “gênero”, disse que há uma divisão entre “os sexos” reinante na ordem das coisas e que parece haver uma “naturalização” objetivada nas próprias coisas e incorporada nos corpos e *habitus*¹¹ dos indivíduos, funcionando como “sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”. Como explica:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, *em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes*, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu 2007: 17, grifo do autor).

De qualquer forma, essa *dominação masculina* explicitamente trazida no discurso do atleta australiano seria, segundo Bourdieu (2007), uma “invenção social naturalizada”, por cujo peso tanto homens quanto mulheres padecem. O autor francês propôs uma reflexão acerca da sociedade Cabila, a partir de seus estudos dos anos 1950/1960, sobre como as “disposições falonarcísicas” estabelecem, depositam e incrustam nos corpos uma “dominação de gênero” (que o autor chama “sexo”). Em primeiro lugar, há a questão de a oposição hierárquica, binária, entre masculino e feminino ser fundamentada na natureza das coisas, como mencionei anteriormente.

A matriz de divisão sexual é tomada como um dado natural, bem como acontece, fazendo uma correlação, com a “masculinidade hegemônica”, e tanto o binarismo de gênero quanto a masculinidade hegemônica recebem legitimação pelos sujeitos – no caso analisado pelo autor, pelos Cabila. Disso decorre que as divisões sociais são inscritas nos corpos como “disposições corporais” e se tornam princípios subjetivos, que são “categorias cognitivas através das quais os indivíduos se veem e constroem o mundo como realidade significativa, viva” (Bourdieu 1998: 18). Assim, tais “esquemas de percepção” nos influenciam a tomar o mundo como dado. Ou, como ressalta o sociólogo, quando acontece a concordância entre as estruturas sociais e cognitivas (e a incorporação via *habitus*), temos a dominação masculina dada e não questionada, operando por binarismos. Isso também foi denunciado por inúmeras teóricas feministas.¹²

Nas dicotomias que o atleta australiano alicerça quando fala em “*queerness*” (bichisse) – e, portanto, por oposição, estaria se referindo a “*maleness*” (macheza) –, seu mundo social, pelo prisma bourdieuano, construiria o corpo como realidade sexuada e como de-

11 O conceito de *habitus*, segundo a ótica bourdieuana, configura-se por dispositivos reproduzidos e incrustados na estrutura sociopsíquica (Bourdieu 1989).

12 É possível elencar algumas como Jo Freeman, Juliet Mitchel, Françoise Heritier e, mais recentemente, Judith Butler e Teresa De Lauretis.

positário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.¹³

Atos de cognição não são conscientes, como o autor francês salienta, e, por sua vez, a violência simbólica baseia-se na “teoria disposicional da ação”, segundo a qual a ordem masculina está inscrita nos agentes e nas instituições, nas posições e disposições, nas falas e nos corpos. Portanto, se o mundo esportivo LGBT, quando analisado, participa das correntes de estudos que dão conta dos “problemas de gênero”, tal universo e seus sujeitos reproduziriam em menor escala, segundo Bourdieu, o que está “inscrito” na sociedade em geral. Tanto discursos quanto posturas e funcionamentos institucionais seriam meramente reproduzidos, mediante a ordem masculina instituída e tomada como natural.

Carmen Rial (1998) traz uma reflexão para aplicar, no campo esportivo, os pressupostos bourdieuanos. Ela vai tratar das práticas esportivas do judô e do rúgbi, em dois casos relatados, como gestoras da construção da dominação masculina. Torna-se “homem”, masculino, viril, o indivíduo submetido ao sofrimento corporal, às condições a que se é sujeito, ou ainda ao treinamento esportivo (no caso do esporte).¹⁴ Do judô ao rúgbi, passando pelo futebol e *full-contact*, a autora percorre diferentes *ethos* e analisa distintos *habitus* na comparação desses esportes em “jogo”. E, “embora possam ser comparados em linhas gerais, o futebol e o rúgbi, de um lado, judô e *full-contact* de outro, [eles] falam de valores pessoais e sociais bem diferentes e constroem masculinidades distintas” (Rial 1998: 13).

Assim, a construção de “distintas masculinidades”, dependendo do esporte que se analisa, remete-nos ao processo de aprendizagem múltiplo dessas masculinidades em sentido mais amplo, e, dessa forma, a autora concorda com Loïc Wacquant (2002), que atesta tal fenômeno ser exequível mediante *práticas de incorporação*.

Voltando às práticas esportivas LGBT, no entanto, por essa lógica, o *ethos* encarnado, corporificado de uma dada prática esportiva por atletas homossexuais engendraria um *habitus* que, mediante a produção contingente das subjetividades no âmbito esportivo em questão, o tornaria específico.

Desse modo, olhar para a “masculinidade hegemônica” como produto da dominação masculina no ambiente esportivo do ponto de vista bourdieuano é olhar sob o prisma das estruturas sociais, que explicariam o funcionamento de atitudes e comportamentos. Pensando na “cristalização” de uma estrutura e de possibilidades outras de tomar a “própria estrutura”, lembrei-me de Derrida (1965), que diz algo sobre certa *estruturalidade da estrutura*:

Todavia, até ao acontecimento que eu desejaria determinar a estrutura, ou antes a estruturalidade da estrutura, conquanto sempre ativa, foi sempre neutralizada e reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em reportá-la a um ponto de presença, a uma origem fixa. Este centro tinha,

13 Apenas lembrando que Bourdieu (1998) diz que a dominação masculina se fundamenta, em última análise, na lógica das trocas simbólicas e que a sexualidade não foi construída enquanto tal, sendo as diferenças sexuais inseridas num sistema de oposições antropológicas e cosmológicas, produtos de uma visão e experiência de mundo.

14 Sobre tal temática ver: Alexandre Vaz (1999, 2000), artigos em que o autor “inaugura” as discussões sobre treinamento do corpo e dominação da natureza, a partir do referencial teórico frankfurtiano. Essas incursões teóricas deram origem a uma linha de pesquisa sobre Esporte e Sociedade, a qual o pesquisador coordena no Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

por função não somente orientar e equilibrar, organizar a estrutura – não se pode, com efeito, pensar uma estrutura desorganizada –, mas, sobretudo, fazer que o princípio de organização da estrutura limitasse o que nós poderíamos denominar o jogo da estrutura [...] (Derrida 1965: 101-102).

Mas será que essa é a única possibilidade que descortina um entendimento mais acurado sobre a chamada “masculinidade hegemônica”, a qual sobrepuja outras expressões e inferioriza práticas sociais que são dissonantes em relação às práticas masculinistas incorporadas?

4. Outras leituras?

Sabe-se que grande parte da discussão teórica dos Estudos de Gênero relativa à masculinidade (*dominante* ou *hegemônica*, independentemente do foco assinalado) foi de Robert (Raewyn) Connell. Para ela, reconhecer mais de um “tipo” de masculinidade é apenas o primeiro passo, e a *masculinidade hegemônica* está no centro das considerações. Contudo, está igualmente em estrita relação de dependência com outras formas de masculinidade. Dessa forma, masculinidade hegemônica:

[...] can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women (Connell 2005: 77).

A autora norte-americana problematiza um esquema teórico que explica a dominação de gênero (entre homens e mulheres e mesmo entre homens e homens), classes sociais e etnias em todas as sociedades ocidentais. Pensando a “masculinidade hegemônica” como relacional – e esse é um ponto fundamental –, elencou elementos de subordinação, cumplicidade e marginalização a ela vinculados. Ao passo que a dominação é uma relação estabelecida entre homem e mulher heterossexuais, a subordinação seria um vínculo que subjugaria um homossexual a um heterossexual (e, nesse espectro, homossexualidade seria uma “masculinidade subordinada”) ou um garoto a um homem heterossexual adulto. Homens heterossexuais que não preenchem os requisitos hegemônicos, mas são fidelizados a eles, performatizam “masculinidades cúmplices” com os padrões de dominação. E, por sua vez, masculinidades negras (e aqui se pode pensar em latinas, asiáticas, indígenas, aborígenes) estabelecer-se-iam como “masculinidades marginalizadas”. Importante destacar que, de acordo com Connell, as relações de marginalização e hierarquia podem também se fazer presentes nas masculinidades subordinadas: como a autora destaca, “marginalization is always relative to the authorization of the hegemonic masculinity of the dominant group” (Connell 2005: 81).

Porém, o que encontrei em campo etnográfico é um tanto quanto mais complexo. Ainda de acordo com Connell (2005), sabe-se que as “masculinidades gays” estão no final da lista hierárquica das masculinidades. Mas, mesmo entre os homossexuais esportistas, verifiquei os que encenavam dominação de gênero em relação a outros sujeitos, que poderiam ser considerados detentores de “masculinidades subordinadas”, ou ainda “alterna-

tivas”. Se a própria noção de “masculinidade hegemônica” é relativa mesmo no escopo das relações sociais entre homens assumidamente heterossexuais (pois as hierarquias de poder balizam suas ações e discursos), não é surpresa encontrar tal variação também no “mundo masculino clone” dos homossexuais esportistas. A surpresa, no entanto, foi encontrar subordinação à subordinação, algo que presenciei entre as tailandesas voleibolistas que conheci.¹⁵

A “masculinidade hegemônica”, veiculada, performatizada e consumida pelos sujeitos nas arenas LGBT adquire *status*, usando terminologia de Oliveira (2004: 16), de “lugar imaginário” ou “imaginado”. E o desejo, em geral, é materializado no físico e no falo. Como expressa um ciclista de 27 anos, alemão, “branco”, em seu esquadrinhamento dos “desejos” do que esperava encontrar nos Gay Games do qual participaria:

Eu: Mas o que você espera encontrar?

Ciclista: Ora? O que todo mundo espera: um pau (*ein Schwanz*)! *risos*

Eu: Como assim?, *perguntei...*

C: Um pau não circuncidado! Gosto de pau não circuncidado!

Eu: E por que, qual é a diferença para você?

C: Ora, respondeu indignado. Toda a diferença, *riu*. Os caras com prepúcio são mais *sexys*, mais masculinizados, mais *viris* (*Mannschaft*). E eu não gosto de pênis circuncidado. Cara que tem pênis circuncidado parece mais feminino, não acha?

Eu: Isso tem a ver com a questão de que homens com pênis circuncidados, geralmente, são judeus?

C: Não fale besteira! (*Das ist doch Quatsch!*). Não venham vocês falar agora que nós alemães temos preconceito contra os pênis circuncidados porque somos antissemitas! Pelo amor de Deus! Nem comece com isso. Ouvei muito isso desde a minha infância. Até hoje tenho raiva quando vejo programas de televisão sobre Hitler, pois ainda somos culpados disso, *falou irritado*. Você não sabia que a maioria dos americanos também são circuncidados? Não tem nada a ver, nada a ver, entendeu? (Registro de campo, 04 jun. 2010).¹⁶

Tal situação trazida talvez tenha sido uma das maiores (senão a mais grave) “saias justas” que tive em campo. O que começou com uma “brincadeira” dele em se referir a um pênis que gostaria de encontrar nos sujeitos participantes das competições LGBT (de preferência com “prepúcio” e não circuncidado), acabou por se tornar um imbróglio na entrevista. O que me causou estranheza, no entanto, é o atrelamento entre maior masculinidade (e talvez até virilidade), o pênis com prepúcio e a correlação de uma menor mas-

15 Tenho dúvidas se o “esquema explicativo” resolve as relações entre “as jogadoras” transexuais/intersexuais tailandesas. Presenciei relações no grupo que não podem ser apropriadamente de dominação/submissão, mas de reciprocidade e admiração. Contudo, lembrando que Connell diz pensar as “sociedades ocidentais”, realmente contatos e ações sociais a partir da Tailândia teriam de ser analisados sob outro prisma analítico.

16 Mantive alguns termos em alemão, pois considero expressões linguísticas fortes e mostram os humores, rancores e outros sentimentos presentes na interlocução.

culinidade (ou até efeminação) do pênis circuncidado. No diálogo acima, a indignação dele deu a entender que eu lhe tinha feito um insulto, e, em que pese estarem em jogo todas as questões históricas do antissemitismo na Alemanha, sua irritação tinha muito mais a ver com a provocação de alocar seus desejos num espectro distante do “masculino puro”. Como se o desejo por um pênis circuncidado fosse menos legítimo do que o desejo por um pênis com prepúcio, este fetichizado como elemento “mais natural” e que caracterizaria “o homem” por si. O enigmático também é identificar como a genitália, nesse caso, personifica os sujeitos – por exemplo, os judeus, os americanos, etc.

De outra parte, a situação descrita faz sentido, pois ilustra, de certo modo, como se conformam as fantasias dos “atletas gays” em relação aos estereótipos masculinos que estão à disposição – interessante pensar acerca de uma memória coletiva.¹⁷ Martin Levine (1998) desenhou com propriedade a passagem das sissies e sisters (homossexuais marcadamente afeminados) dos anos 1960 para os “clones” de fins dos anos 1970. Hipermasculinizados, definidos e, sobretudo, masculinos, os clones simbolizavam a “moderna homossexualidade”:

The clone was, in many ways, the manliest of men. He had a gym-defined body; after hours of rigorous bodybuilding, his physique rippled with bulging muscles, looking more like competitive bodybuilders than hairdressers or florists. He wore blue-collar garb – flannel shirts over muscle-T-shirts, Levis 501s over work boots, bomber jackets over hooded sweatshirts. He kept his hair short and had a thick mustache or closely cropped beard (Levine 1998: 7).

Para Michael Pollak (1987), a “evolução” do meio homo em direção a um estilo mais “viril”, a exemplo do que ocorreu com os clones, pode ser tomada como sexista e marginalizante de grupos que não se submetiam à imagem *standard* desse novo (e moderno) “macho homossexual”. A partir dessa reviravolta nas considerações, segundo esse autor, “as imagens míticas apresentadas mais frequentemente na imprensa homossexual e nas revistas pornográficas especializadas são o cowboy, o motorista de caminhão e o esportista” (Pollack 1987: 69). Disso decorre que não é difícil compreender essas imagens sociais “disponíveis” para os sujeitos e ressignificadas por suas subjetividades.

Aprofundando um percurso mais teórico,¹⁸ outro importante autor que traz uma abordagem sobre a masculinidade é Miguel Vale de Almeida (1995), quando etnografa um vilarejo de camponeses, em Portugal. À semelhança de Connell, diz que a masculinidade hegemônica exerce supremacia sobre as masculinidades subordinadas, mas parte da hipótese de que ela se configure como “modelo ideal”, inatingível e, por isso mesmo, exerceria um efeito controlador sobre os homens nas práticas de sociabilidade cotidiana, incitando uma discursividade que exclui o campo emotivo considerado feminino.

17 O caso relatado do ciclista é emblemático, mas único. Depois disso comecei a reparar o quanto formato, cor, textura, grossura, tamanho do pênis e outras características eram acionadas pelos meus interlocutores. A presença ou ausência do prepúcio causavam, em geral, extensos diálogos, inclusive fomentados por aqueles adeptos de *sneakers*, isto é, “adoradores” de odores de tênis e meias usados. Segundo Silverstein & Picano (1992: 73), na Roma Antiga o prepúcio fazia parte da estética corpórea e dos ideais masculinos de beleza: “athletic games required competitors to have a foreskin that completely covered the glans penis (the head of the cock)”. Por isso, durante a prevalência do Império Romano, restaurações de prepúcios eram realizadas para que alguns pudessem competir em competições esportivas.

18 Vale salientar que não pretendo esgotar percurso teórico algum. Outros autores já fizeram isso com mais propriedade. Uma ampla cobertura teórica sobre masculinidade é de Miriam Grossi (2004).

No entanto, apesar de os campos social, econômico, religioso e moral do vilarejo de Pardais serem divididos em “masculinos” e “femininos”, as coisas não são tão rígidas assim. De acordo com o autor português,

[...] masculinidade e feminilidade são vividas enquanto conjunto de qualidades que podem verificar-se no campo sexual oposto. Assim é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou atividades “femininas” e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que remeteria para a anormalidade (Almeida 1995: 60).

Almeida (1995) ressalta que desde a mais tenra infância os comportamentos não normativos de gênero são vigiados e controlados para que “desvios” sejam identificados o mais cedo possível. Dessa forma, as condutas “permitidas” e “interditas” são estipuladas, prescritas no âmbito das homossexualidades (masculina e feminina). As camponesas podem dançar entre si, o mesmo não sendo bem visto quando acontece com os homens – exceção feita em momentos de festas carnavalescas, quando eles se travestem de figuras femininas.¹⁹ No meio esportivo LGBT, curiosamente, as práticas sociais são bastante normativas (heteronormativas, mais especificamente), e a ortodoxia de gênero (e de seu binarismo masculino *versus* feminino) atinge o extremo.

Ah!... (*pausa exclamativa*), assim ó (*pausa*), é melhor jogar entre gays, né? Nos times normais a gente joga também, né. A gente é “pau pra toda obra” e quando tô jogando com hétero, meto a mão na bunda mesmo... hehehe. Não tenho vergonha, não. E se me encarar, eu digo: “que foi, vai encarar?”. E eles ficam com medo (Conversa com futebolista brasileiro, 04 ago. 2010).

Brasileiro de 26 anos, o futebolista em questão mora na Dinamarca há vários anos. “Mulato”, conforme se designou, traz nesse trecho elementos para pensar as “masculinidades” em relação aos esportes (e, mais especificamente, dentro do futebol). Quando joga bola, não se farta em estabelecer uma clara fronteira entre ele – homossexual – e os outros – heterossexuais – (no caso do futebol mesclado homo-hétero), entre ele – ser desejado – e os outros – seres desejantes –, e no limite, entre ele – masculinizado – e os outros – emasculados ou feminilizados.²⁰

Numa “competição” de outra natureza, alerta Almeida (1995) sobre o costume de “feminilizar os outros” via

gestos de convite sexual que transformam a vítima em “mulher simbólica”, pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade econômica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e ativo/passivo (Almeida 1995: 189).

19 Aqui também se podem destacar as práticas “interditas” e “prescritas” entre pescadores homens, estudados por Elisa Silvia & Carmen Rial (2005), que reproduzem padrões semelhantes aos descritos por Almeida.

20 Interessante notar como ele aciona um “poder libidinal” a partir do seu corpo e do lugar social que ocupa, como mulato, brasileiro e estrangeiro. A inspiração para esse comentário é baseada em Néstor Perlongher (2008).

Roberto DaMatta (1997) escreveu certa vez sobre uma jocosidade entre adolescentes homens chamada “tem pente aí?”, característica de seus anos de infância e adolescência, no Rio de Janeiro. Na brincadeira, os garotos apalpavam as nádegas dos colegas, insinuando buscar um pente para pentear os cabelos – um costume antigo comum entre rapazes. Tais gestos rituais, segundo o autor, eram destinados a moldar a “masculinidade” naquela época e conferir valores a áreas do corpo sagradas, como as nádegas (e o ânus, por extensão), zona exterior do masculino e símbolo da feminilidade, ou que atestavam o inverso da masculinidade. Como ele explica acerca da brincadeira,

em primeiro lugar, chamava a atenção para aspectos ideais e valorizados da masculinidade; depois, falava de como o masculino era constituído; em seguida, punha à prova e risco essa macheza; e, finalmente, denunciava um lado obscuro e frágil, mas importantíssimo da masculinidade, colocando-a em dúvida e em crise, pois indicava graficamente os seus aspectos ocultos – seus segredos, suas dúvidas, dívidas e dificuldades (DaMatta 1997: 43).

Essa valorização do masculino e das áreas interditas desse corpo influencia, sobremaneira, a curiosidade do nosso futebolista em relação à prática sexual com outros sujeitos. Sua construção discursiva como uma “hipermasculinização” (Braz 2007) aparenta que não há outros “machos” ao seu redor que se comparem a ele, e a separação entre “ativos e passivos” – a mesma que Fry & MacRae (1985) descreveram acerca do cenário brasileiro, nos anos 1970-1980 – é bastante enfatizada e marcadamente assumida.

Diz-se “pirado em sexo” e, numa de nossas conversas, explicou-me: “Não perco tempo, tô aqui competindo [nos Gay Games de Colônia], mas tô na vida, entendeu? [...] Tô com a *amapoa* ferida e ardendo de tanto trepar! Quicou na área, eu chuto, *risos*”.²¹ Atualmente tentando obter a cidadania europeia, ele tem um trabalho temporário em Copenhague e se diverte nessas competições.

Segundo enfatiza, o sexo é o motor propulsor de sua vida: “Ah, quando tô lá, encontro alguém legal, pá, às vezes rola de eu perceber que o cara quer algo, daí, pá, aplico uma multa nele!”. A gíria do “aplicar multa” é cobrar pelo serviço prestado, no caso, o sexual. Demorei a entender que ele era *escort boy*; em outros termos, prostituto masculino ou michê. Ele disse curtir “tudo”, menos sexo anal (em si).

Richard Parker (1999), estudando os fluxos migratórios de jovens homossexuais brasileiros entre as décadas de 1970 e 1980, salienta que quase nunca a prostituição masculina é a opção por excelência que põe em “movimento” migratório tal sujeito – pelo menos não os homens.²² Muitas vezes ela vem em decorrência de um acaso ou mesmo de um imprevisto. Além disso, como no caso do futebolista brasileiro, tal “ofício” surgiu ao longo do tempo, advindo da necessidade financeira, de uma melhor “qualidade de vida” desejada a partir da permanência no continente europeu. As ofertas do mercado do sexo na Europa para jovens brasileiros “exóticos” (entenda-se essa categoria nativa como jovens mulatos,

21 Apesar de estar fora do país há anos, o futebolista se utiliza de gírias e do *bajubá* (linguagem baseada nas línguas africanas, utilizadas no Candomblé) e sabe o que se passa no “mundo gay” brasileiro. “*Amapoa*” pode ser tanto a vagina quanto também a própria mulher. No caso do trecho, nominou seu “pênis” como um órgão feminino (suponho).

22 No caso das mulheres, há estudos que analisam o perfil do fluxo feminino, seja via “migração espontânea”, seja via tráfico de mulheres, notadamente para prostituição nesse caso (Pelúcio 2009).

pardos ou negros que se diferenciam, principalmente dos escandinavos e outras etnias do centro-norte, pela cor da pele) são bastante amplas, bem como há uma economia “aquecida” que os recebe. Para Parker (1999):

[...] the reality of the economy that they encounter in such settings may make sex work more attractive than other options, with a good deal of autonomy and a potential for income far beyond the other forms of employment that are typically open to undocumented aliens (Parker 1999: 211).

Porém, não é sempre que “aplica multa”, como mencionou. Quando se identifica e gosta do potencial parceiro sexual, diz:

[...] quando gosto do tipo, putz[...] é foda... mas deixo pra lá. Às vezes transo à noite toda, depois durmo juntinho, hum[...] isso é bom. Mas nem sempre ocorre. E, por fim, nem cobro, né, porque foi tão bom que a gente nem esquentava com o lance do dinheiro. Dinheiro sempre entra outro, outra vez. (Registro de campo, 06 ago. 2010).

Aqui a falácia romântica que ele próprio se envereda: quando há “algo especial”, não cobra pelo serviço sexual, dormindo a noite toda abraçado e curtindo o momento. Sua posição de “domínio masculino”, de gostar de transar e provocar desejos alheios, de ser “sacana” e fazer “bem o serviço”, além de gabar-se em ter “ginga no pé e saber jogar futebol”, traz à lembrança os elementos culturais que caracterizariam “o brasileiro” pelo senso comum, algo outrora problematizado por DaMatta (1990).

A partir do que foi destacado, com a explicitação de atos sexualizados no esporte – como os que ele se referiu, ao passar a “mão na bunda” jogando futebol –, levanta uma questão inquietante: como incorporar a categoria “sexualidade” na análise das relações entre masculinidades no contexto esportivo LGBT?

Nesse ínterim, lembremo-nos de que Michel Foucault (1985) destacou não terem sido as sociedades ocidentais modernas que obrigaram o sexo a se “esconder”. Pelo contrário, desde o século XVI o sexo foi incitado a se confessar, a se manifestar. É justamente o poder que nos convida a enunciar nossa sexualidade por meio das diversas instituições e saberes, como peça essencial de uma estratégia de controle do indivíduo, característica dessas mesmas sociedades. Para ele,

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. Ou seja, um dispositivo histórico do poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social (Foucault 1985: 100).

O chamado “esporte LGBT” é bastante heterogêneo e se constitui num espaço onde corpos, desejos, fetiches e prazeres se encontram em movimento e, sobretudo, reproduzindo a cultura atlética reinante no “sistema esportivo global” (Rial 2008). Tal cultura atlética

ca performatizada pelos sujeitos é signatária de uma “cultura masculinista hegemônica” (Butler 2003), reprodutora das masculinidades até então mencionadas. Portanto, o componente relacional entre “masculinidade hegemônica” esportiva de homossexuais parece também se reproduzir nas práticas esportivas LGBT. E arrisco dizer que as hierarquias entre as “masculinidades esportivas” subordinadas (ou entendidas enquanto tal) funcionam segundo outras lógicas. Meu processo investigativo levou-me a pensar na existência de **masculinidades queer** ou dissonantes naquele ambiente competitivo e, dessa forma, a destacar que categorias como “raça”, classe social, gênero e geração se interseccionam na resistência ao padrão hegemônico de masculinidade, provocando fissuras.

Explico melhor: minha etnografia em competições esportivas LGBT me possibilita afirmar que há uma nova categoria em gestação no tocante à masculinidade. Nem tão dominante, tampouco espraiada, mas constantemente presente. Eu a denomino “masculinidades *queer*”, justamente por seu caráter descentralizador e abjeto.²³

São tipos performatizados de “masculinidades” por diferentes e diversos sujeitos, que interseccionam marcadores de diferença, como “raça”, classe social, gênero e geração. As “masculinidades *queer*” não são homogêneas entre si, mas apresentam um denominador comum, qual seja, algum traço que as coloque em consonância umas com as outras. Além disso, todas elas conseguem “dialogar” via tais características, sem hierarquias que interfiram.

Assim, o atleta mexicano, o idoso “branco” de 70 anos, o corredor gay etíope e a tailandesa transexual voleibolista têm um “substrato comum” que os iguala. Ao passo que as “masculinidades hegemônicas” (dominantes ou prescritas) colhem frutos do WASP (*White, Anglo-Saxon and Protestant*), as “masculinidades *queer*” (ou também podemos pensar em “feminilidades *queer*”) derivam de outros elementos noutra extremidade. E de modo algum tais características são pejorativas, mas podem ser compreendidas como estratégias de negociação.

5. Para além da estrutura masculinista do esporte?

Trata-se, dessa forma, de desnaturalizar a estrutura estruturante – dos sentidos, da linguagem. Tratar a própria estrutura como estrutural e estruturante, na medida em que o seu centro tenha o jogo de sentidos, que poderiam subverter as posições definidas e instituir novas (posições). Ou seja, a crítica de Derrida (1965), atrelada às considerações sobre as masculinidades *queer* mencionadas anteriormente, ajuda a pensar em como se desvencilhar de camisas de força dos binarismos, no tocante às considerações dos gêneros inteligíveis ou não, para além de sistemas de organização sexual heteronormativo. Observe-se um caso que ocorreu numa prova de atletismo, dentro do programa de com-

23 Apesar de polêmico, utilizo o termo *queer* aqui por querer marcar exatamente o caráter controverso e de pária adquirido por tais masculinidades na cena esportiva LGBT. Do ponto de vista histórico, a origem da ressignificação do xingamento “*queer*” ocorreu nos anos 1990, momento em que o movimento norte-americano *Queer Nation*, insatisfeito com as políticas dirigidas à população “gay e lésbica”, pressionou o poder público nos Estados Unidos para o reconhecimento do direito à igualdade de outros sujeitos que não aqueles sempre visibilizados (como os brancos, protestantes e bem-educados) (Gatti 2011; Camargo 2012).

petições dos Gay Games-2006, em Chicago, Estados Unidos:²⁴

No momento do anúncio no alto-falante da prova de 400 metros com barreiras, houve uma correria generalizada. Quando os corredores já se encontravam na pista de atletismo, eis que surgiu um competidor alto, de ascendência indígena, longilíneo, alourado artificialmente. A figura “andrógina”, por assim dizer, imediatamente confunde os presentes e provoca risos contidos. Era um(a) atleta mexicano(a), (tra)vestido(a) de vermelho-sangue, em uma espécie de pele de tubarão de nylon, que cobria o corpo todo. Havia uma alternância estilística proposital: braço coberto, braço à mostra. Pernas no mesmo esquema. A sapatilha dourada combinava com o cabelo. Após o disparo do revólver de festim, quatro barreiras, quatro gritos estridentes. O(a) mexicano(a) garantiu a medalha! (Registro de campo, jul. 2006).

Figuras como a desse(a) mexicano(a) são raras, senão inexistentes no contexto dos jogos. Apesar de se tratar genericamente de “competições gays”, mesmo entre os participantes há estranheza quando alguém se apresenta para competir de modo diferente do coletivo – que, no geral, está de roupas esportivas de marcas famosas. É o assimilacionismo dos esportistas homossexuais em respeito ao esporte convencional, como demarcou Pronger (2000); é a vontade de ser identificado enquanto um atleta qualquer, e não como uma forma diferente de expressão esportiva.

No entanto, e apesar de tudo, o(a) mexicano(a) fez diferente e somente pôde se apresentar da maneira como o fez pois, naquele momento histórico, se reuniam algumas condições que lhe possibilitaram tal “façanha”: a) estar num dado “espaço” materializado de mínima convivência e aceitação da diversidade, sem que fosse censurado ou impedido pela organização dos jogos de se expressar à sua maneira; b) desmistificar a figura “masculina-macho” do atleta (corredor, no caso); c) invocar silenciosamente, porém visivelmente, a alteridade; e d) trazer à baila uma nova e distinta forma de subjetividade esportiva (a *queer*).

Apesar de competir em uma prova de 400 metros com barreiras – categoria masculina e, nesse sentido, divisão idêntica à existente no atletismo convencional (portanto heteronormativo) – o(a) atleta mexicano(a) propôs uma nova estética de representação do(a) atleta-corredor(a) e do *eu-sujeito*. Uma estética que abre possibilidades do vestir-se de maneira diferenciada para um evento (o modelito vermelho-sangue talvez seja até mais estilístico do que apenas um simples *shorts* e uma camiseta, que costumeiramente os corredores homens usam) e mesmo de sentir-se e portar-se de forma mais “confortável” com sua subjetividade *gay*. Os gritos estridentes ante cada barreira poderiam significar os mesmos “urros” de um jogador de hóquei frente a uma jogada agressiva ou mesmo o som emitido no movimento final de um levantador de pesos.

A única questão residual nessa estética de representação do corredor *queer* de atletismo – e, em geral, do(a) atleta convencional – é que para o modelo (hetero)normativo da (hetero)sexualidade compulsória, em termos de Wittig (2001) e Rich (1999), tal estética é desviante, inconcebível e, até certo ponto, inaceitável, particularmente frente ao elenco

²⁴ Tal excerto de minhas notas de campo já foi utilizado em outras análises, tanto pelo seu teor emblemático quanto pelo potencial analítico que carrega (Camargo & Rial 2009, 2011; Camargo, Rial & Vaz 2010).

das características demarcatórias de gênero que revestem o esporte, em geral, e o atletismo, em particular.

Em termos pós-modernos, o(a) atleta mexicano(a) evocaria o que se poderia chamar de “fragilidade do referente”, uma vez que põe em suspenso aquilo que, teoricamente, era esperado e dito do *sujeito-homem-atleta*, num evento da categoria masculina, prova de corridas.²⁵

Aquilo que o(a) atleta mexicano(a) apresenta durante o evento do qual participa, sua estilística corporal, seus gritos de ataque ao passar pelas barreiras e mesmo seus depoimentos/entrevistas pós-prova, além dos agradecimentos aos(às) amigos(as) competidores(as), fazem parte de uma *fabricação performática*, em termos de Butler (2003).

É importante destacar que, de acordo com Miskolci e Pelúcio (2006: 5), tais performatividades se baseiam na “reiteração de normas que são anteriores ao agente, e que sendo permanentemente reiteradas materializam aquilo que nomeiam”. Por isso tal conceito é desvinculado da ideia voluntarista de representar um “papel de gênero”, como se fosse um “ato teatralizado”.

Os atos do(a) mexicano(a) são executados na superfície externa de um corpo, bem como na interioridade daquilo que desestabiliza. De uma perspectiva butleriana, a performatividade do ato contém a *performance* do ser. Tais conceitos estão inter-relacionados, mas são distintos. Um exemplo sugestivo e esclarecedor é o do(a) *Drag Queen*,

A performance do/a drag [queen] brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero (Butler 2003: 196).

No caso do(a) mexicano(a), talvez tal exemplo seja adequado para se problematizar as dimensões do sexo anatômico (macho), da identidade social de gênero (feminina) e da *performance* de gênero (“*drag* esportiva”), em termos meus. Todavia, como pensar sobre outras performances de gênero que não estão/são manifestas visível ou discursivamente?

Assim, a partir dessas problematizações, as contribuições de Butler parecem oferecer melhores chaves interpretativas para entender os sujeitos nas arenas esportivas LGBT do que as de Bourdieu e seu *habitus* incorporado.

Antes de tudo é importante destacar que, para ela, gênero não é “interpretação cultural do sexo”, mas sim uma “matriz de inteligibilidade cultural” (Butler 2003: 25), ou seja, é um “modelo” de como se podem entender culturalmente as dissonâncias estabelecidas entre os sexos/gêneros na vida social.²⁶ Uma vez que a produção do sexo como “pré-discursivo” participa da lógica das relações de poder, as quais ocultam a própria operação da produção discursiva,

25 A *desnaturalização* ou *desreferencialização* – em termos específicos de Hans Ulrich Gumbrecht (1998) – que se originam a partir da fragilidade do referente e da morte do sujeito é um dos conceitos característicos da situação pós-moderna. Jair Ferreira dos Santos (1986) prefere o termo “dessubstancialização” ou perda da “substância” desse sujeito. Esse seria um dos princípios fundantes do pós-estruturalismo. José Esteban Muñoz (1999), teórico *queer*, fala de “desidentificação”.

26 Patrícia Knudsen (2007) vai frisar que Butler tomará os “gêneros não inteligíveis” – ou o que Julia Kristeva (1982) denominou “abjetos” – como “paradigma de gênero”.

como estratégia para descaracterizar e dar novo significado às categorias corporais, descrevo e proponho uma série de práticas parodísticas baseadas numa teoria performativa de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária (Butler 2003: 11).

Nesse sentido, corpo, sexo, gênero e sexualidade são descontínuos e não podem ser entendidos como “recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”. Então, a autora toma a “noção de corpo, não como uma superfície pronta à espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas” (Butler 2003: 59). Isso significa não tomar o sujeito como ponto de partida. Significa pensar, como Camilo Braz salienta,

tanto as materializações dos corpos quanto a produção das subjetividades como contingentes: a possibilidade de existência (ou de “abjeção”) dos corpos e dos “sujeitos” depende da matriz discursiva de inteligibilidade a que se esteja referindo (Braz 2007: 8).

Experimentar corporal e “teatralmente” como a masculinidade é o produto de um conjunto de códigos culturais performativos aprendidos e incorporados através do que Butler chamaria de “repetição coercitiva” caracterizaria a performance de gênero, e isso pode ser reapropriado e posto em prática por qualquer corpo, independentemente de seu sexo anatômico.

6. Notas considerativas

Este artigo utilizou-se de um resgate de algumas situações de campo etnográfico para pensar antropológicamente como as masculinidades esportivas estão em constante circulação nos esquemas simbólicos de apreensão do mundo por parte de atletas LGBT.

Em geral, em seus discursos, a referência de senso comum mais disseminada é a do binarismo de gênero e a do reforço do esporte enquanto uma instituição segregadora de gênero, igualmente legitimada por quem é exatamente oprimido por ela. O próprio esquema de divisão de provas ou de eventos é baseado em categorias “masculina” e “feminina”, e sujeitos com orientações sexuais dissidentes têm que decidir onde se “encaixam” em tal esquema.

Em que pese haver uma reprodução do *status quo* dominante e diferenças hierárquicas no tocante à masculinidade hegemônica e às subalternizadas, há fissuras no sistema, e, vez ou outra, uma enunciação se estabelece como referência para além das estruturas normativas (aqui estamos falando, mais especificamente, das estruturas heteronormativas em vigência). Masculinidades *queer* emergem como formas de resistência de corpos desviantes nesses ambientes esportivos masculinistas e machistas. Entretanto, e ainda no jogo estabelecido das relações de poder, são subsumidas a rarefeitas manifestações num mar de assimilacionismo e reprodução de estereótipos de gênero.

Este artigo teve a pretensão de repensar o “mundo masculino” encenado pelos atletas

gays em suas competições e jogos, a partir de uma etnografia multissituada no tempo e no espaço. E, ao mesmo tempo, de problematizar a noção de masculinidade performatizada por esses corpos. Mais do que ter uma resposta definitiva a algo destacado, quis-se polemizar como operam as lógicas heteronormativas num universo esportivo homo-orientado.

Referências

- ADELMAN, Miriam. 2003. "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?" *Revista Estudos Feministas*, 11(2):445-466.
- _____. 2006. "Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades". *Revista Movimento*, 12:11-29.
- _____. 2011. "As mulheres nos esportes equestres: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'". *Revista Estudos Feministas*, 9:931-953.
- ALMEIDA, Miguel. 1995. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- ANDERSON, Eric. 2005. *In the game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University of New York.
- ANZÁLDUA, Glória. 1987. *Borderlands/La Frontera. The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute.
- BECH, Henning. 1997. *When men meet: Homosexuality and Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- BOURDIEU, Pierre. 1989. "O que é o habitus". In: Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel Editorial.
- _____. 1998. "Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada". In: Daniel Lins (org.), *A Dominação Masculina Revisitada*. Campinas: Papirus. pp. 11-27.
- _____. 2007. *A Dominação Masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRAH, Avtar. 2006. "Diferença, Diversidade, Diferenciação". *Cadernos Pagu*, 26:329-376.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. 2007. "Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo". *Cadernos Pagu*, 28:175-206.
- BUTLER, Judith. 1998. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". *Cadernos Pagu*, 11:11-42.
- _____. 2003. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CALDAS, Dario. 1997. *Homens: comportamento, sexualidade e mudança*. São Paulo: Senac.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. 2012. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições mundiais esportivas LGBTs*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAMARGO, Wagner X. & RIAL, Carmen S. 2009. "Esporte LGBT e condição pós-moderna: notas antropológicas". *Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 10(97):271-289.

- _____. 2011. "Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global?" *Revista Estudos Feministas*, 19(3):977-1003.
- CAMARGO, Wagner X.; RIAL, Carmen S.; VAZ, Alexandre. F. "'Gays não gostam de futebol?' Notas etnográficas sobre masculinidades subversivas em tempos de Copa do Mundo". In: *Anais do Simpósio Futebol: Espetáculo e Corporalidade*. pp. 01-15. Comunicação Oral.
- CAUDWELL, Jayne. 2006. "Femme-fatale: re-thinking the femme-inine". In: Jayne Caudwell (org.), *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London; New York: Routledge. pp. 145-158.
- CONNELL, Robert W. 2005 *Masculinities*. 2. ed. Berkeley; Los Angeles: University of California Press.
- DAMATTA, Roberto. 1990. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- _____. 1997. "'Tem pente aí?' Reflexões sobre a identidade masculina". In: Dário Caldas. *Homens*. São Paulo: Senac.
- DERRIDA, Jacques. 1965. "A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas". In: Eduardo Prado Coelho (org.), *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. São Paulo: Martins Fontes.
- DEVIDE, Fabiano Pries. 2005. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí: Editora Unijuí.
- DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. 1997. "A Relação entre os Sexos no Esporte". *Revista Estudos Feministas*, 5(2):321-348.
- ELIAS, Norbert. 1994. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FOUCAULT, Michel. 1985. *História da Sexualidade. A vontade de saber I*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. 1985. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- GATTI, José. 2011. "Notas sobre masculinidades". In: Fernando. M. Penteadó & José Gatti (org.), *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Cores e Letras. pp. 9-23.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 2003. "A produção cultural do corpo". In: Guacira Lopes Louro, Jane Felipe Neckel & Silvana Vilodre Goellner (org.), *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- GOLDENBERG, Miriam. 2000. "O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia". In: Miriam Goldenberg (org.), *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Editora Record. pp.13-39.
- GRIFFIN, Pat. 1998. "The culture of the closet: identity-management strategies of lesbian college coaches and athletes". In: Pat Griffin, *Strong Women, deep closets: lesbian and homophobia in sports*. Massachusetts: Human Kinetics. pp. 133-156.
- GROSSI, Miriam Pillar. 2004. "Masculinidades: Uma revisão teórica". *Antropologia de Primeira Mão*, 1(75):1-37.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. 1998. "O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação". In: Hans Ulrich Gumbrecht. *Corpo e Forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica*.

- Rio de Janeiro: EDUERJ. pp. 137-151.
- HARGREAVES, Jennifer. 2000. *Heroines of Sport*. The politics of difference and identity. London; New York: Routledge.
- HEILBORN, Maria Luiza. 2004. *Dois é Par: Gênero e Identidade Sexual em Contexto Iguatário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- KNUDSEN, Patrícia Porchat da Silva. 2007. "Judith Butler: sujeito e abjeto". In: Patrícia Knudsen, *Gênero, Psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- KRISTEVA, Julia. 1982. "Approaching abjection". In: Julia Kristeva, *The powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press. pp. 1-30. Disponível em: <[http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror\[1\].pdf](http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror[1].pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- LENSKYJ, Helen J. 2003. *Out on the Field*. Gender, Sport and Sexualities. Toronto: Women's Press.
- LEVINE, Martin P. 1998. "'Y.M.C.A.': the social organization of gay male life". In: Martin Levine. *Gay Macho: the life and death of homosexual clone*. New York: New York University Press. pp. 30-54.
- LOURO, Guacira Lopes. 2001. "Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação". *Revista Estudos Feministas*, 9(2):540-553.
- MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. 2006. "Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre a performatividade a partir de uma etnografia entre travestis". Texto incluso no CD do 30º Encontro Anual da ANPOCS. pp. 01-16
- MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria de Paiva. 2010. "Mulheres no ringue: a pioneira Maria Aparecida de Oliveira". In: Jorge Dorfman Knijnik, *Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri. pp. 231-248.
- MUÑOZ, José Esteban. 1999. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. 2004. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj.
- PARKER, Richard. 1999. *Beneath the Equator*. Culture of desire, male homosexuality, and emerging gay communities in Brazil. New York: Routledge.
- PELÚCIO, Larissa. 2009. *Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre a prevenção da AIDS*. São Paulo: Annablume.
- PERLONGHER, Néstor. 2008. *O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- POLLAK, Michael. 1987. "A homossexualidade masculina: ou a felicidade no gueto?". In: Philippe Ariès & André Bèjin (org.), *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense. pp. 54-76.
- PRONGER, Brian. 1990. *The Arena of Masculinity*. Sports, homosexuality, and the meaning of sex. New York: St Martin's Press.
- _____. 2000. "Homosexuality and Sport: who's winning?" In: Jim McJay, Michel A. Messner & Don

- Sabo. *Masculinities, Gender Relations, and Sport*. London: Sage Publications. pp. 222-244.
- PUSCH, Luise F. 1984. *Das Deutsche als Männersprache*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- RIAL, Carmen S. 1998. "Rugbi e Judô: esporte e masculinidade". In: Joana Pedro & Míriam Grossi (org.), *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Mulheres. Texto original (sem edição). pp. 1-20.
- _____. 2008. "Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior". *Horizontes Antropológicos*, 14(30):21-65.
- RICH, Adrienne. 1999. "La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana". In: Marisa Navarro & Catharine R. Stimpson (ed.), *Sexualidad, género y roles sexuales*. México: Fondo de Cultura Económica. pp. 159-211.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. 1986. *O que é Pós-Moderno*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. 1995. "Gosh, Boy George, you must be awfully secure in your masculinity!" In: Maurice Berger, Brian Wallis & Simon Watson. *Constructing Masculinity*. New York: Routledge. pp. 11-20
- SILVERSTEIN, Charles; PICANO, Felice. 1992. *The new joy of gay sex*. New York: Harper Perennial.
- SILVIA, Elisa; RIAL, Carmen. 2005. "Masculinidades prescritas, interditas e relativizadas em um grupo de pescadores da Ilha de Santa Catarina". In: Carmen Rial & Matias Godio (org.), *Pesca e Turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC. pp. 141-156.
- SIMÕES, Júlio Assis. 2005. "Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: Pensando Idades e Identidades Sexuais". In: Adriana Piscitelli et al. (org.), *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. pp. 415-447.
- SYMONS, Caroline. 2010. *The Gay Games: a history*. New York: Routledge.
- TAMBURRINI, Cláudio M.; TÄNNSJÖ, Torbjön. 2005. "Las bioamazonas del fútbol". In: Cesar R. Torres & Daniel G. Campos (comp.), *¿La pelota no dobla? Ensayo filosóficos en torno al fútbol*. Buenos Aires: Libros del Zorzal. pp. 187-210.
- TOLEDO, Luiz Henrique. 2015. *A memória outra e a etnografia (urbana) dos sentidos*. Texto elaborado para Seminário de Antropologia da UFSCar (a ser publicado como capítulo de livro em 2015).
- VAZ, Alexandre Fernandez. 1999. "Treinar o corpo, domar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal". *Cadernos Cedes*, XIX(48):89-108.
- _____. 2000. "Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer". *Motus Corporis*, 7(1):65-108.
- WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e Alma*. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- WENNER, Lawrence A.; JACKSON, Steven J. (org.). 2009. *Sport, Beer, and Gender: promotional culture and contemporary social life*. New York: Peter Lang Publishing Inc.
- WITTIG, Monique. 2001. *Le pensée straight. Questions feministes*. Paris: Editora Tiera.